

E D I T O R I A L

Esta edição da revista *Temporalidades* traz artigos que discutem os mais variados assuntos, oferecendo aos leitores perspectivas instigantes sobre temas que têm desafiado inúmeros pesquisadores, pertencentes a instituições de renome do Brasil e do exterior. Os trabalhos que compõem este número ressaltam a qualidade de uma produção acadêmica diversificada, cuja dispersão temática provoca os leitores, convidando-os a construir suas próprias relações de conteúdo, para além de qualquer síntese que cristalice imagens e homogeneíze percepções. Esperamos, assim, abrir caminho para a multiplicação de leituras descontínuas, capazes de conectar objetos heterogêneos, sem apagar suas diferenças ou pacificar suas tensões.

Em consonância com essa proposta aberta e flexível apresentamos, inicialmente, o artigo de Núbia Braga Ribeiro, que nos oferece uma reflexão acurada sobre as formas de violência praticadas contra os indígenas ao longo do século XVIII, nas áreas das minas de ouro (sertões das Minas Gerais, de Goiás e Mato Grosso). Nesse trabalho a autora envereda por um tema pouco estudado na historiografia brasileira, relacionando a exploração do trabalho indígena com questões de cunho político, de modo a ressaltar que a dominação exercida sobre os indígenas não foi branda, nem de caráter circunstancial.

O artigo de Daniela Oliveira Ramos dos Passos propõe analisar como se constituiu o espaço urbano-social da cidade de Belo Horizonte, no final do século XIX e início do século XX (1893-1920). Ao longo do texto a pesquisadora levanta reflexões importantes, que estabelecem a ligação entre os ideais republicanos em voga e o processo de formação da nova capital mineira, numa perspectiva que suscita diversos questionamentos sobre a hierarquização do espaço citadino.

Kellen Jacobsen Follador investiga as restrições impostas à comunidade judaica, principalmente aquelas direcionadas aos chamados cristãos-novos, durante os séculos XVI e XVII, na Península Ibérica. Nesse interessante estudo a autora explicita como os “Estatutos de Pureza de Sangue” promoviam o banimento social de todos os cristãos de ascendência judaica, legitimando uma nova categoria de exclusão, que justificava desigualdades e perpetuava diversas formas de violência.

Lúcio De Franciscis dos Reis Piedade Filho nos apresenta uma análise profícua sobre as relações entre a mobilização higienista e a educação, em meados do século XX, através de

um estudo de caso: o “Pelotão de Saúde” do Grupo Escolar Dr. João Bráulio Júnior, da cidade de Lambari, Minas Gerais. O artigo detalha como a difusão dos preceitos de higiene integrava um projeto educativo mais amplo, que objetivava transformar os brasileiros em cidadãos produtivos, ordeiros e disciplinados, capazes de contribuir para o “progresso” da nação.

O trabalho de Regina Mendes de Araújo discute, com precisão, a trajetória de mulheres que viveram nas Minas setecentistas, buscando perceber a relação destas com a morte, através da análise de testamentos que abarcam os períodos de 1713 a 1750, na Vila do Carmo. A autora demonstra que a morte se afigurava, então, como uma questão complexa, que perpassava não somente aspectos religiosos, como também econômicos, de prestígio e hierarquia social.

Rodrigo F. Lopes estuda o abastecimento de carne verde na Bahia oitocentista, atividade que despertava grande interesse por parte do poder público, preocupado em regular a circulação desse gênero de primeira necessidade. O artigo oferece uma visão detalhada sobre as disputas que permeavam o fornecimento de víveres para a região, envolvendo desde interesses monopolistas até as mais diversas questões administrativas.

Cássio Bruno de Araujo Rocha desenvolve uma pesquisa estimulante sobre a natureza do “Manual do Agricultor Brasileiro” e as condições de leitura e circulação de textos no Brasil das décadas de 1820 e 1830. Através de uma análise profunda do Manual, o autor revela que a obra vai muito além da discussão de técnicas agrícolas, abordando, também, assuntos relacionados à escravidão e ao papel econômico da agricultura, dentre outros.

O artigo de Karina Paranhos da Mata traz diversas reflexões importantes sobre as formas de representação social e política nas Minas Gerais Setecentistas, enfatizando a ocorrência de “práticas oriundas do Reino” na região. O trabalho evidencia, através de diversos exemplos, como parte significativa da sociedade mineira da época se valia de expedientes próprios do Antigo Regime para garantir posições cada vez mais prestigiosas na hierarquia social.

Reinaldo Guilherme Bechler investiga, em artigo instigante, as duas primeiras Conferências Internacionais de Lepra (Berlim, 1897, e Bergen, 1909), estabelecendo correlações de fôlego entre a Ciência e os diversos interesses políticos que mobilizavam os homens de então. O retorno da lepra à Europa trazia riscos e inconvenientes de toda sorte, transformando essa doença em um problema científico e político, que clamava soluções urgentes da recém-formada classe de médicos.

Fabrcio Pinto Monteiro nos oferece uma análise densa das significações construídas sobre os anarquistas terroristas na imprensa escrita da segunda metade do século XIX. O autor

traça um paralelo interessante entre as percepções que os anarquistas tinham de si, e de suas ações, e as imagens apresentadas pelos jornais da época, revelando as tensões existentes entre propostas sociais e políticas extremamente diferentes.

O trabalho de Cristiane de Castro Ramos Abud recorre aos métodos da história oral para estudar um grupo de mulheres que frequenta a Catedral Metropolitana de Florianópolis, de modo a investigar como elas se percebem e atuam dentro da Igreja Católica. Com bastante propriedade a autora problematiza o entrecruzamento das histórias de vida dessas mulheres, revelando como experiências de sociabilidade podem ressignificar o cotidiano dos sujeitos históricos.

Esta edição traz, ainda, uma entrevista com a renomada historiadora Raquel Glezer, docente do Departamento de História da USP. Através de uma abordagem inovadora, a professora levanta questionamentos bastante atuais sobre a divulgação do conhecimento histórico e o fazer do historiador, problematizando essas temáticas a partir dos desafios colocados pelos veículos de comunicação contemporâneos.

Gustavo de Souza Oliveira nos traz uma importante contribuição na forma de transcrição documental comentada. Nesse trabalho o autor revela aos leitores a existência de um precioso acervo, em Minas Gerais, composto pelas atas referentes às reuniões da “Pia União das Filhas de Maria (1917-1927)”. A análise minuciosa desse material, que contém diversas orientações relativas à manutenção da virtude e da honra, abre novas possibilidades de pesquisa no que se refere ao estudo da romanização da Igreja Católica no Brasil.

Tendo em vista as múltiplas perspectivas históricas apresentadas nesta edição, a revista *Temporalidades* espera ter contribuído para o surgimento, e a disseminação, de diferentes formas de pensar a história no Brasil.